Faça as primeiras obras – Apocalipse 2,1-7

INTRODUÇÃO

Utopia é um tema difícil. Denota crise. Crise de propostas, crise de experiências alternativas, crise de paradigmas. Tem a ver com sensação de derrota. Mostra que não estamos satisfeitos com o que aí está, mas ao mesmo tempo que estamos presos ao hoje. Todas as energias e forças estão voltadas para a sobrevivência, para a luta pelo pão de cada dia. A realidade é cruel, desumana, sufocante, excludente, ...cansa! Ainda é possível vislumbrar uma realidade, uma sociedade, diferente daquela que experimentamos hoje? Ainda faz sentido falar em utopia? Afinal, o que distingue uma utopia de outra? Há a utopia da loteria, do partido político que quer chegar ao poder, daqueles que querem permanecer no poder, daqueles que querem permanecer com suas margens de lucro! A questão é: O que distingue a utopia cristã das outras utopias? Apenas consolo? Uma esperança pós-morte para quem não tem acesso ao necessário hoje?

O povo de Deus é um povo que caminha motivado pelas promessas de Deus em busca da terra que mana leite e mel, na esperança do Novo Céu e da Nova Terra. Este caminhar e esperar acontecem no corresponder aos valores do Reino de Deus. Não tem nada a ver com passividade. Ao contrário, é uma utopia vivida em meio às mais variadas realidades, marcada pelo caminhar, pela militância, pela vivência da fé na certeza da presença de Deus que anima e renova a esperança.

O Apocalipse de João não é diferente. Ao contrário da perspectiva fatalista, de terror, de fim, que muitas vezes é apregoada em nome do Apocalipse, a mensagem deste livro quer exatamente o contrário. Não faz projeção do futuro. A história não está predeterminada, ao contrário, é "movida por decisões e obras de pessoas que por elas devem responder diante de Deus"[1]. O Apocalipse tem o seu jeito próprio de expressar a utopia do Novo Céu e da Nova Terra. Tem em vista

1. Gottfried BRAKEMEIER. *Reino de Deus e Esperança Apocalíptica*. São Leopoldo, Ed. Sinodal, 1984, p. 97.

Igrejas que no contexto do Império Romano não tinham vez nem voz. Igrejas que não tinham qualquer possibilidade de transformar, interferir nos destinos do império ou nos rumos políticos. Igrejas que tinham em seus currículos a experiência da perseguição, da hostilização por parte dos judeus. Internamente há grupos em conflito com propostas distintas. É neste contexto, adverso em todos os sentidos, que o Apocalipse reafirma o senhorio de Jesus Cristo, a fé teimosa na superação da realidade injusta, motivado pela promessa do Novo Céu e da Nova Terra de Deus para quem permanece fiel. Aponta para Aquele que tem a história em suas mãos. Quer ajudar a perceber aquilo que à primeira vista não se percebe, isto é, que Deus não perdeu o controle da situação. Como o faz? Acredito que a utopia apocalíptica passa pela retrospectiva histórica. O olhar para trás e a inconformidade com o presente são a terra na qual brota a utopia com a marca da esperança, da resistência, da fidelidade e da militância. Não é por acasos que a fórmula verbal[2] que mais aparece no livro do Apocalipse não é o futuro, mas o passado, 505 casos (443 aoristos, 39 imperfeitos e 24 pretéritos perfeitos), 248 casos no presente e 124 no futuro. A utopia não desconsidera o passado e é vivida em função da transformação do presente em fidelidade a Deus, caso contrário, é ilusão, fuga, negação do seu senhorio. A proposta deste trabalho é buscar perceber como esta utopia se articula na carta para a Igreja de Éfeso (Ap 2,1-7).

1. TRADUÇÃO E ESTRUTURA

Destinarário + ordem de escrever: v. 1: Ao anjo da Igreja em Éfeso escreve:

Fórmula do mensageiro profético + caracterização daquele que fala: Isto diz o que tem o poder sobre as sete estrelas em sua direita, o que caminha no meio dos sete candeeiros de ouro.

Situação (positivo): v. 2: Conheço as tuas obras, e o trabalho e tua perseverança, e que não podes suportar os maus e colocaste à prova os que dizem de si mesmos (ser) apóstolos e não são, os descobriste mentirosos. V. 3: E tens perseverança, e suportaste por causa do meu nome mas não esmoreceste.

Situação (negativo): v. 4: Mas tenho contra ti que abandonaste o teu primeiro amor.

Exortação: v. 5: Lembra-te, pois, de onde caíste e converte-te e faze as primeiras obras, mas se não, venho contra ti e moverei teu candeeiro do seu lugar, se não te converteres.

Situação (positivo): v. 6: Mas isto tens, que odeias as obras dos nicolaítas, que também odeio.

Chamado para dar ouvidos v. 7: O que tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas.

Dito de vitória / promessa: Ao vencedor darei para ele comer da árvore da vida que está no paraíso de Deus.

2. Ricardo PIETRANTONIO. *Apocalipsis y el "fin" de la historia*. Cuadernos de Teología. Buenos Aires, XIV (1): 47-63, 1995, p. 50.

2. AO ANJO... ESCREVE:

Por que escrever para o anjo? Será que ele não sabe o que se passa na Igreja? Não se deveria esperar dele ao menos este conhecimento? Como explicar a mediação humana desta mensagem: Cristo – João – anjo? Por que a mudança em relação a 1,1.4.10? Afinal, quem são os anjos aos quais as sete cartas são enviadas? Há várias tentativas de resposta. Dentre elas, a que diz tratar-se de um mensageiro, bispo, anjo da guarda, profeta.

Uma análise das cartas mostra que elas são dirigidas tanto para os anjos quanto para as Igrejas. Ao lado do "tu" aparece um "vós" (2,10.13.23-24). Interpelados são os membros da Igreja. A carta está formulada de tal maneira que leva o leitor a passar por cima da pergunta pela identidade do anjo. Mas, por que então a referência ao anjo?

Martin Karrer[3] acredita que o autor do Apocalipse acompanha a crença geral nos anjos, contudo, não compactua com uma angelologia que não esteja subordinada a Jesus Cristo. Ao colocá-los como os destinatários das cartas o autor usa uma estratégia para questionar a angelologia, ou angelolatria (Cl 2,18)[4], existente. Metodicamente ele leva seus leitores da crença nos anjos como seres que têm poder sobre sua salvação ou perdição, ou então como um poder intermediário entre céu e terra ao lado de Jesus Cristo, para a fé única em Jesus Cristo. Trata-se, portanto, de um confronto no plano ideológico.

Em 19,10 e 22,8-9 o próprio anjo corrige a compreensão de João dizendo que é um conservo (*syndoulos*)! O autor do Apocalipse, de forma pedagógica, busca trazer seus leitores e ouvintes para a realidade sem deixar de lançar uma crítica sutil a este "esoterismo" que confere a seres celestes poderes de interferir e determinar a vida no mundo.

A menção dos anjos nas cartas como os destinatários é, portanto, parte de sua estratégia para realçar a sua proposta. Não menos significativo é o fato de nesta primeira carta se realçar a presença poderosa de Jesus que tem as igrejas em sua mão, portanto, sob seu poder. Fontes mostram que no final do I século e começo do II há uma forte especulação angelológica, inclusive com um templo na Frígia, o que não fica longe das sete Igrejas[5]. É a idade de ouro da angelologia.

2.1. ... da Igreja

Por que os cristãos não adotaram a terminologia corrente em sua época para designar suas reuniões, cultos? A palavra *ekklesia*, no mundo greco-romano, estava relacionada à assembléia da *pólis*. Não era usada para designar comunidades religiosas. Para estas a terminologia usada eram

3. Martin KARRER. *Die Johannesoffenbarung als Brief*. Göttingen, Vanderhoeck & Ruprecht, 1986, p. 176-177.

4. Jürgen ROLOFF. *Die Offenbarung des Johannes*. NT 18. Zürich, Theologischer Verlag, 1987, p. 46.

5. Martin KARRER, *ibidem*, p. 169-186.

"expressões tais como como thiasos, *"assembléia cúltica para adorar um deus";* eranos, *lit. "contrato de sociedade", mas, neste contexto, uma fraternidade que celebrava certas festas* (heorté) *para a qual contribuía cada participante;* koinon, *lit., "aquilo que é comum" (...); ou* synodos, *que significava um grupo de pessoas que seguiam o mesmo caminho. É significativo que nenhuma destas palavras conseguiu entrar no NT"*[6]. *(...) "É notável que os seguidores de Jesus não descreveram suas reuniões, bem como a comunidade que estas representavam, com a palavra* synagoge *(...). Afinal de contas, esta palavra teria sido natural para um grupo que brotou de raízes judaicas, e que, pelo menos no início, se considera uma parte do judaísmo"*[7].

Por que adotaram exatamente um termo que remete ao mundo da política?

2.2. ... em Éfeso

Éfeso é a capital da província da Ásia, governada por um procônsul senador. É um centro comercial e religioso, a porta de entrada para a Ásia, o porto mais importante. É uma "cidade livre", leal ao imperador. Há muito tempo era a cidade da deusa-mãe, que para os gregos era Ártemis e para os romanos Diana (Atos 19,35). Este templo era também o lugar de adoração da deusa Roma e do imperador romano. W. Barclay diz que Éfeso era famosa por ser o centro mundial da superstição[8].

Os personagens mais importantes da cidade são os asiarcas (Atos 19,31). Dentre eles, a cada ano, um era escolhido o sacerdote principal do culto a Roma e ao imperador. Com o advento dos imperadores, a era da pax romana, Éfeso encontrou sua prosperidade[9].

As comunidades judaicas eram especialmente vigorosas em Éfeso e na maioria das cidades da província. Na província da Ásia parece que os judeus tiveram mais sucesso do que em outros lugares, principalmente na manutenção de relações cordiais com os poderes locais nas cidades que os recebiam[10].

A comunidade cristã de Éfeso provavelmente foi fundada por dois cristãos de destaque, Áquila e Priscila. Junto com Paulo eles vieram de Corinto a Éfeso (Atos 18,18) e permaneceram ali depois de Paulo viajar a Antioquia. Dois a três anos depois Paulo voltou à cidade e pregou e ensinou o Evangelho por dois anos. Atos 19 nos relata que o contato com a fé cristã não foi nada tranqüilo. A pregação do evangelho num contexto marcadamente "religioso", uma fé como a cristã

6. *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento* (ed. Colin Brown). São Paulo, Ed. Vida Nova, 1982, v. II: E-J, p. 394.

7. *Ibidem,* p. 398.

8. William BARCLAY. *Apocalipsis*. Buenos Aires, Editorial La Aurora, v. 16, p. 71.

9. Yves SAOÛT. *Atos dos Apóstolos*. São Paulo, Edições Paulinas, 1991, p. 161.

10. Wayne MEEKS. *Los Primeros Cristianos Urbanos – El mundo social del Apóstol Pablo*. Salamanca, Ediciones Sígueme, 1988, p. 81-82.

desestabiliza a ordem pública e ameaça as instituições conhecidas. Desde o começo o cristianismo foi visto como subversivo[11].

É importante ressaltar que as cidades em que havia comunidades paulinas eram prósperas. Todas eram centros comerciais e muitas deviam sua importância à indústria da lã (Laodicéia era o centro). Éfeso desfrutou deste comércio incipiente e promissor[12].

O lado reverso desta realidade é, conforme S. Dickey, a devastação da Ásia Menor, fruto da política expansionista greco-romana.

"Os confiscos de terras, as indenizações de guerra, a tributação e taxação exorbitantes, a escravatura e o nível de vida apertado dos trabalhadores livres, tudo isto constituía o preço brutal que as províncias pagaram pela pax romana. Mais numerosos e não menos miseráveis eram os trabalhadores livres ou semilivres na agricultura do interior e o proletariado empobrecido das cidades. Trabalhos forçados, exigidos de indivíduos e cidades pelo Estado, períodos de fome e preços exorbitantes causados pelo monopólio do trigo para a cidade de Roma e o exército, a insegurança das chuvas em terras áridas como as da Ásia Menor e as dificuldades de transporte sobretudo por terra, tudo isto contribuía para agravar a condição dos pobres nas cidades e nos campos"[13].

Elliot, com base nestas informações de Dickey, diz que esta situação contribuiu para o crescimento e expansão do cristianismo.

2.3. Isto diz o que tem...

Jesus se manifesta à Igreja em Éfeso como aquele que tem poder, com *kraton*[14]. Tem todas as Igrejas, sete estrelas, em sua mão. Caminha entre elas, o que realça sua presença ativa. Os sete candelabros representam toda a Igreja e sua comunhão com Cristo[15]. O texto que introduz a carta retoma 1,13.16 com duas mudanças que são significativas: 1. Em 1,16 lemos "tem (*échon*) em sua mão direita as sete estrelas", já em 2,1 lemos "o que tem poder (*kraton*) sobre as sete estrelas". Esta mudança de terminologia reforça a autoridade, o poder. 2. Da mesma forma em 1,13 lemos "e, no meio dos candeeiros", já em 2,1 lemos "o que

11. Ricardo FOULKES. *El Apocalipsis de San Juan*. Buenos Aires, 1989, p. 28-32.

12. Wayne MEEKS, *ibidem,* p. 79-82.

13. John H. ELLIOT. *Um lar para quem não tem casa. Interpretação sociológica da primeira carta de Pedro*. São Paulo, Ed. Paulinas, 1985, p. 71.

14. Esta mesma palavra aparece em 2,13 (seguras / manténs o meu nome = de Jesus) e nos v. 14-15. Aí refere-se àqueles que sustentam a doutrina de Balaão e a doutrina dos nicolaítas. Também estes seguram "com força". A análise semântica deixa transparecer já nas cartas a estrutura dualista que perpassa todo o livro do Apocalipse, o que deixa transparecer claramente a realidade de conflito que igualmente perpassa todo o livro. Não há meio termo, nem possibilidade de um mínimo de concessão. É luta acirrada e, no caso de nosso texto, luta interna, que acontece no contexto da própria Igreja em Éfeso.

15. Francisco C. MOLINA. *El Señor de la vida – lectura cristológica del Apocalipsis*. Salamanca, 1991, p. 78.

caminha no meio". Esta mudança reforça a fé na presença de Jesus em meio às Igrejas.

3. CONHEÇO AS TUAS OBRAS...

As obras desta Igreja podem ser resumidas com as palavras *kópon* = trabalho duro, exaustivo, e *hypomoné* = perseverança / resistência. A palavra obras (*erga*) aparece três vezes em nosso texto. É um termo com sentido amplo, não significa somente boas ações, mas todo o comportamento e maneira de viver. As boas obras da Igreja de Éfeso se verificam na oposição firme aos falsos mestres que tinham surgido e na recusa persistente em deixar-se levar pelos seus ensinos. É o agir cunhado pela fé (14,13; 15,3; 16,11; 20,12-15; 22,12)[16], ativo, que não suporta (*ebástasas*) os falsos mestres. As obras dos que mantêm o nome de Jesus se opõem às obras dos Nicolaítas, seguidores de Balaão, Jezabel (comer coisas sacrificadas aos ídolos, prostituição, idolatria; ver também 9,19-20).

Que a tarefa não é fácil percebe-se pela palavra *kópon,* que significa trabalho duro / esforço árduo / labor. O termo aponta para a ativa missão missionária (1Ts 2,9; 1Cor 15,58). A perseverança/resistência (*hypomoné*) caracteriza a constante prova sob a qual viviam as comunidades (1,9). É a característica que mais aparece. Puseram à prova aqueles que se diziam apóstolos, mas não eram. A comunidade os desmascarou, descobriu que eram mentirosos (*eures*). Este fato aponta para a postura ativa da igreja que não abre mão do nome de Jesus. O que é dito como positivo nos v. 2-3 culmina no final do v. 3 com "por causa do meu nome". Neste primeiro momento o autor da carta faz um apanhado positivo de fatos que aconteceram no passado.

3.1. Tenho, porém, contra ti...

Abandonaste o teu primeiro amor! O que houve? Parece tratar-se do esquecimento da virtude cristã suprema que é o amor; neste caso, *ágape* se refere aos irmãos.

> *"Em favor disso depõe não apenas o paralelismo em relação às 'primeiras obras' no v. 5, mas também o fato de que 'ágape' se encontra junto com obras e serviço também em 2,19 e que estas são as únicas duas passagens em que se fala da ágape dos cristãos"*[17].

Caíram da caridade primitiva, abriram mão do mandamento do amor como norma central para a comunidade. A luta pelo poder a nível de comunidade local esfriou o amor. Há grupos com interesses distintos. Adela Collins diz que "as mensagens parecem refletir os inícios dos cismas (2,6.14-15.20-25)" dentro da própria igreja[18]. Em conseqüência disto a Igreja deixou de ser solidária, de praticar

16. Jürgen ROLOFF, *ibidem,* p. 49.

17. Wolfgang SCHRAGE. *Ética do Novo Testamento*. São Leopoldo, Ed. Sinodal / IEPG, p. 338.

18. Adela Yarbro COLLINS. Opressão de fora – Roma como símbolo do mal no cristianismo primitivo. In: *Concilium* 220, p. 73.

a diaconia. Se as informações de Dickey a respeito da realidade social conferem, a retomada do primeiro amor seria primordialmente a postura solidária para com as vítimas da "pax romana". Principalmente porque eram estas vítimas que buscavam a comunidade cristã.

Diante desta situação a Igreja é exortada com vigor. Temos três imperativos: Lembra-te, converte-te e faze as primeiras obras.

> *"Para o Apocalipse, metanoia é um conceito tão central como para os evangelhos (cf. 2,5.16.21; 3,3.19 e passim). Também no Apocalipse esse termo designa a conversão da pessoa como um todo, apesar de a pregação do arrependimento dirigir-se agora aos cristãos. Nesse sentido, a conversão contém perfeitamente um momento cognitivo (...) A conversão, portanto, começa aqui com a recordação daquilo que se deixou para trás"*[19].

Longe de ser uma exortação moralista, a exortação é um chamado à fidelidade, à postura de resistência diante das tensões experimentadas na sociedade e internamente na Igreja.

3.2. Odeias as obras dos nicolaítas...

Novamente é ressaltado um aspecto positivo: Odeias as obras dos nicolaítas, que também odeio (v. 6). A pergunta pela identidade deste grupo é difícil. Pensa-se em falsos mestres. Conforme Irineu tratar-se-ia de Nicolau, o prosélito de Antioquia mencionado em Atos 6,5. Ou então poderiam ser representantes de uma forma primitiva de gnose cristã. Conforme Pablo Richard, trata-se de uma heresia pré-gnóstica que busca espiritualizar a fé cristã para fazê-la compatível com o Império. Isto contradiz a ética e a teologia do Apocalipse, onde a vida dos cristãos e da comunidade deve ser um contínuo fiel testemunho contra a opressão e a idolatria de Babilônia e suas bestas (Império Romano). Possivelmente os nicolaítas eram cristãos ricos que participavam ativamente nas estruturas econômicas, sociais, culturais e, necessariamente, religiosas da cidade! Buscavam, pois, a integração. Diante desta situação, o resultado é que a comunidade perde seu primeiro amor, isto é, a solidariedade![20]

4. AO VENCEDOR ...

Cada carta encerra com a exortação de ouvir o que o Espírito diz às Igrejas. A formulação que segue, contudo, está formulada no singular, isto é, o vencedor. Esta palavra tem conotação militar, aponta para luta, guerra (ver também 12,11; 13,7; 17,14). É linguagem de poder. Não tem nada a ver com passividade, acomodação. A atenção já não recai sobre a Igreja como um todo mas sobre a pessoa, o indivíduo como tal. Como entender isto? Acredito que isto se explica pela situação extremamente delicada em que vivem as Igrejas. A possibilidade de perseguição

19. Wolfgang SCHRAGE, *ibidem,* p. 337.

20. Pablo RICHARD. *Apocalipsis – Reconstrucción de la Esperanza*. San José, Editorial DEI, 1994, p.74-76.

é uma realidade. O contexto não é favorável. Nesta situação não posso responder pelos outros, aqui eu preciso decidir. No momento adverso, a hora da decisão sempre é pessoal, isto não posso transferir para a comunidade.

A promessa para o vencedor é "comer da árvore da vida que está no paraíso de Deus". Em 22,2 é dito que esta árvore "produz frutos de mês a mês, e as folhas da árvore são para a cura dos povos". É a representação da superação da realidade passada (Gn 2) e presente. É a Nova Jerusalém sem lágrimas, nem morte, nem luto, nem pranto.

5. AVALIAÇÃO

A estrutura dualista em todo o Apocalipse é evidente. A análise semântica o comprova. Esta tensão literária

> *"reflete a tensão política entre os adeptos do reino de Deus e os adeptos do reino de César (11,15; 12,10; 16,10; 17,18). A tensão literária reflete uma tensão na experiência do autor e de sua audiência entre a experiência social e a fé. (...) Sua experiência social estava em contradição com esta fé: economicamente estavam em pior situação, socialmente desprezados e politicamente ameaçados por denúncia e execução. A narrativa do livro da Revelação é uma tentativa literária de superar esta tensão mostrando que Deus e Cristo estão realmente no poder agora e que este poder se manifestará em plenitude no futuro"*[21].

A estratégia de comunicação do autor da carta para a Igreja de Éfeso confirma o dito acima seguindo os seguintes passos: 1. O Anjo é *syndoulos*, isto é, conservo a serviço de Deus, não um poder paralelo (v. 1a); 2. Afirmação do poder de Jesus: Ele tem as Igrejas em sua mão, tem o domínio (v. 1b); 3. Referência ao passado (memória histórica). Aponta os fatos positivos e as adversidades superadas (v. 2-3) ; 4. Fato negativo (v. 4); 5. Exortação (v. 5); 6. Novamente realça um fato positivo (v. 6); 7. Chamado a dar ouvidos e promessa.

O autor tem uma estratégia associativa. Não quer desmontar a Igreja fazendo uma crítica destrutiva. Ele intercala o fator negativo entre dois aspectos positivos e assim motiva, anima, encoraja. O momento que se está vivendo é de suma importância. Não há lugar para belas fantasias sobre um suposto futuro ou uma suposta sociedade idealizada. O presente não permite fantasiar o futuro, é preciso recuperar o que se perdeu, retomar o específico, a solidariedade. Rowland afirma que

> *"Aos leitores do Apocalipse não é permitido sonhar com a beatitude do milênio sem confrontar-se com os obstáculos que impedem seu cumprimento e sem aceitar a parcela de sacrifícios que lhes cabe nesse processo: eles devem lavar suas vestes e branqueá-las no sangue do Cordeiro e evitar serem marcados com o sinal da Besta*[22]*. As cartas que inculcam nos leitores a importância da ação presente revelam um grande interesse por questões especificamente religiosas (...). Essa preocupação por reconquistar o primeiro amor e o esforço por manter a pureza de relacionamento com o Senhor que está no meio de suas Igrejas (1,19) revelam a urgente preocupação com a santidade pessoal e eclesial que, em si mesma, faz parte da reação à impotência política*[23]*. A tradição apocalíptica protestou contra os arranjos que trazem a aparência de ordem mas na realidade trouxeram prosperidade e progresso a alguns às custas de outros"*[24].

A utopia apocalíptica passa pela resistência, pela postura crítica diante dos falsos apóstolos, dos nicolaítas, pela avaliação dos conflitos internos (conflitos em torno do poder, de proposta em relação ao contexto em que se vive). Não propõe o alinhamento ao sistema, a acomodação, o concordismo. Passa pela crítica sutil (angelologia esotérica), pela avaliação ideológica tanto da Igreja quanto da realidade política, econômica, religiosa e social. É postura ativa – tu os descobriste mentirosos! Enfim, quer ajudar a perceber e clarear as contradições. O autor do Apocalipse faz uma leitura teológica do sistema escravagista romano construído com a força das armas. Esse poder mata! Crucifica! Por isso o Apocalipse desmascara. E o faz de tal forma que seus leitores e ouvintes tomem consciência da realidade. A carta para a Igreja em Éfeso mostra que a história não está predeterminada, pronta, traçada. Ao contrário, é preciso assumi-la.

Os romanos não precisavam da fé cristã, tinham seu próprio culto ao deus-imperador. Um deus que se sustenta com vítimas, pela força. Hoje o sistema também não precisa da igreja cristã para se manter no poder. Ele próprio produz seus ídolos. O Apocalipse foi uma forma de reafirmar a utopia do reino na certeza da presença do Deus vivo que caminha em meio às suas Igrejas em oposição ao poder estabelecido. Apocalipse, neste contexto, deu seu recado. Buscou recuperar um dos específicos da prática cristã que é a solidariedade. Apesar de cada carta dirigir-se para uma Igreja especificamente, estas não permanecem atomizadas. O final (v. 7) realça o todo, apontando para dentro das mesmas e também para o global da sociedade, para dentro do contexto público.

BIBLIOGRAFIA

BARCLAY, William. *Apocalipsis*. Buenos Aires, Editorial La Aurora, v. 16, p. 71.

BRAKEMEIER, Gottfried. *Reino de Deus e Esperança Apocalíptica*. São Leopoldo, Ed. Sinodal, 1984.

COLLINS, Adela Yarbro. *Opressão de fora* – Roma como símbolo do mal no cristianismo primitivo. In: *Concilium* n. 220 (1988).

ELLIOT, John H. *Um lar para quem não tem casa. Interpretação sociológica da primeira carta de Pedro*. São Paulo, Ed. Paulinas, 1985.

21. Adela Yarbro COLLINS, *ibidem*, p.72.

22. Christopher ROWLAND. Manter viva a perigosa visão de um mundo de paz e justiça. In: *Concilium* 220 (1988), p. 80.

23. Idem, *ibidem*, p. 81.

24. Idem, *ibidem*, p. 85.

FOULKES, Ricardo. *El Apocalipsis de San Juan*. Buenos Aires, 1989.

KARRER, Martin. *Die Johannesoffenbarung als Brief*. Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht, 1986.

MEEKS, Wayne. *Los Primeros Cristianos Urbanos – El mundo social del Apóstol Pablo*. Salamanca, Ediciones Sígueme, 1988.

MOLINA, Francisco Contreras. *El Señor de la vida – lectura cristológica del Apocalipsis*. Salamanca, 1991.

O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento (ed. Colin Brown). São Paulo, Ed. Vida Nova, 1982, v. II: E-J, 394.

PIETRANTONIO, Ricardo. *Apocalipsis y el "fin" de la historia*. Cuadernos de Teología. Buenos Aires, XIV (1): 47-63, 1995.

RICHARD, Pablo. *Apocalipsis — Reconstrucción de la Esperanza*. San José, Editorial DEI, 1994.

ROLOFF, Jürgen. *Die Offenbarung des Johannes*. NT 18. Zürich, Theologischer Verlag, 1987.

ROWLAND, Christopher. Manter viva a perigosa visão de um mundo de paz e justiça. In: *Concilium* n. 220 (1988).

SAOÛT, Yves. *Atos dos Apóstolos*. São Paulo, Edições Paulinas, 1991.

SCHRAGE, Wolfgang. *Ética do Novo Testamento*. São Leopoldo, Ed. Sinodal / IEPG, 1994.

Nestor Paulo Friedrich
Caixa Postal 14
93001–970 São Leopoldo – RS